

Encontro Nacional de Responsáveis das ENS, Fátima 27-28.11.2010

## Homilia

1º Domingo de Advento, ciclo A

Este trecho do evangelho pinta com cores de grande actualidade a situação que vivemos no nosso país: “nos dias que precederam o dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam em casamento..., e não deram por nada, até que veio o dilúvio que a todos levou”. Durante mais de uma quinzena de anos vivemos na facilidade de crédito, no esbanjamento e no endividamento, vivendo acima das próprias possibilidades financeiras: viajávamos, festejávamos, divertíamos-nos, gozávamos em excesso, sem pensar na conseqüente catástrofe que estávamos a atrair sobre nós..., até que veio a crise que a todos levou. As facilidades materiais distraíram-nos do essencial, do sentido a dar à vida.

Esta descrição realista do evangelho não pretende censurar ou cortar os legítimos prazeres e alegrias da vida. Nem quer incutir medo sobre o fim do mundo, castigos de Deus e aproximação da terrífica morte. O *evangelho* é, por sua natureza, *boa nova*, anúncio de alegria sustentável, de felicidade verdadeira, de esperança esclarecida: é a favor de tudo o que é autenticamente bom e nobre para o ser humano (leiam Filipenses 4,8-9). Quem se serve do evangelho para meter medo e assustar usa-o incorrectamente, porventura entendendo mal as suas linguagens.

De facto, o tom do trecho de hoje parece ameaçador: a catástrofe do dilúvio, arrebatamento de pessoas (“um será tomado”), arrombamento da casa... Mas trata-se de linguagem *apocalíptica*, muito usada no tempo de Jesus, embora estranha à nossa mentalidade e cultura (mesmo assim, nem tanto, porque os pregadores, desde a Idade Média até meados do séc. XX, usavam um tom parecido, com o fim de impressionar e acordar o auditório, com imagens de castigos tremendos, fogo inextinguível, penas eternas!). Jesus não acena com o castigo. Nem marca um ajuste de contas para o final da nossa vida. Quer indicar os valores que verdadeiramente contam na economia da vida. A mensagem que esta linguagem quer passar é somente positiva. Enquanto “outro será deixado”, porque anda distraído, “um será tomado”, isto é, será salvo, porque permanece atento, se comporta com sabedoria e sente o Senhor – ou o Esposo, segundo a parábola das dez virgens – a chegar.

É um juízo salvífico, em jeito de aviso à navegação sobre o que está em jogo na pequena história de cada um e das nossas relações com os outros: a vida é breve e é um bem precioso, um tesouro que se deve investir bem, fazendo as apostas certas e seguras na roleta da vida. A linguagem apocalíptica é uma campanha de alarme para que não andemos distraídos, desatentos, negligentes, mas tomemos consciência do dia favorável em que o Senhor vem para nos acolher e comprometer no seu reino de bondade. Não há tempo para errar, porque há só uma vida. É preciso aproveitar todos os seus momentos e vivê-la com intensidade.

Ele sugere como dar-lhe sentido. Depois de fazer o *diagnóstico* da distração dos seus contemporâneos – por meio de um exemplo tirado das Escrituras sobre os que “não deram por nada” – avança a *terapêutica* com três imperativos amigos: “*vigiai, compreendei, estai* vós também *preparados*, porque na hora em que menos pensais virá o Filho do Homem”.

Este alerta atinge o vosso matrimónio enquanto *sacramento*, que Jesus veio abençoar santificando o vosso amor, dando-lhe qualidade e fundamento permanente. Veio e continua a vir. Ele não fez o *sacramento* do vosso matrimónio como os oceanos fazem os continentes: retirando-se. Ele “permanece em vós”; não se retira para vos deixar ao sabor dos vossos problemas. Com a sua presença e com a inspiração do seu Espírito, arma-vos em estado de responsabilidade e ajuda-vos a resolvê-los.

Nem precisais de reear a sua presença entre vós. Ele não é um rival no vosso amor mútuo. Ao colocar-se entre quem ama e quem é amado, imprime o carácter de responsabilidade ao vosso relacionamento conjugal, impede que o *eu* seja egoísta e que o *tu* se torne instrumento. Que o amor salvífico de Jesus Cristo venha para o âmbito das vossas relações esponsais significa que enche de *unção* a dedicação da mulher ao marido e sublima o amor do marido para com a mulher. De facto, quando se entende o casamento como mera aproximação geográfica de dois corpos, só à altura do humano corpóreo, a vida encarrega-se de proporcionar muitas razões para desentendimentos, desavenças, conflitos, discórdias, mal-entendidos, desconfianças, afastamentos... A forma de facilitar a vivência responsável do matrimónio é elevá-lo para o plano do divino e contemplá-lo como *sacramento*, em que o vosso amor mútuo *representa*, torna *presente*, o amor de Jesus Cristo pela sua Igreja. O vosso matrimónio é “imagem e participação da aliança de amor de Cristo e da Igreja” (*Gaudium et Spes*, 48). Vendo o vosso matrimónio ao nível de Deus, é menos fácil beliscá-lo ou manchá-lo: sentis mais a sua dignidade e o peso da vossa responsabilidade nele e encontrais mais fortes motivos para vos amardes.

Elevado ao nível do divino, o casamento não é fado: oferece uma vida de liberdade na responsabilidade, onde o amor não é uma amarra, mas um mar que une as duas margens da alma de cada cônjuge. Não nasce nem se celebra já feito, nem está entregue a si mesmo. Se as circunstâncias podem influenciar aquilo que sois, em definitivo sois vós os responsáveis por aquilo que vos tornais. Sois dados um ao outro para continuamente *fazer* o vosso casamento, que é um projecto em desenvolvimento com Jesus. Se tem momentos difíceis, quando é vivido em responsabilidade oferece-vos em troca o amor que dissolve a incerteza, o amor que supera o medo da traição, o amor para a eternidade, porque “o amor é mais forte do que a morte” (Ct 8,6): “o amor não acaba nunca” (1Cor 13,8).

“Chegou a hora de nos levantarmos do sono” – alarma S. Paulo na segunda leitura. “Abandonemos as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Andemos dignamente... Revesti-vos do Senhor Jesus”.

P. Armindo Vaz, Conselheiro Espiritual da Equipa Supra-Regional

armindovaz@carmelitas.pt